



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS FORMAIS: DIDATIZAÇÃO E ENSINO**

Maria Aparecida Calado de Oliveira Dantas; Linduarte Pereira Rodrigues

Universidade Estadual da Paraíba  
ap.calado@hotmail.com; linduarte.pereira@bol.com.br

**Resumo:** Considerando a relevância de se promover práticas que contemplem os gêneros orais em sala de aula, mais especificamente nas aulas de língua materna, já que a oralidade faz-se presente nas reais práticas sociais dos sujeitos, este trabalho tem o objetivo de analisar o tratamento dado aos gêneros orais pelos livros didáticos de língua portuguesa, adotados numa escola pública municipal, em Pombal - PB, atentando para as correntes teóricas que norteiam esse material de apoio ao desenvolvimento das práticas pedagógicas do professor de língua materna. Trata-se de uma pesquisa que se inscreve no rol dos estudos qualitativos, uma vez que não sobressaem apenas resultados quantitativos, mas possibilidades de análise e redirecionamentos das práticas vigentes de sala de aula. O estudo esteve apoiado em teóricos da linguística contemporânea que se dedicam a investigação do trabalho com gêneros textuais orais e escritos em sala de aula de língua materna, tais como Marcuschi (2003), Bortoni-Ricardo (2009), Schnewly & Dolz (2001), dentre outros teóricos que ressaltam a importância do trabalho com a oralidade na aprendizagem escolar. O trabalho se fundamenta também nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, PCN, 1998), os quais apresentam uma atenção voltada para as práticas da oralidade no Ensino Fundamental. Conforme demonstra o estudo em foco, as práticas textuais orais continuam sendo pouco exploradas em livros didáticos de língua portuguesa, o que permitiu apontar para uma perspectiva de ensino que demonstra a possibilidade de se desenvolver uma metodologia que contemple a sistematização dos gêneros orais formais nas aulas de língua materna.

**Palavras-chave:** Oralidade. Língua materna. Livro didático.

### **Introdução**

A linguagem é, ao mesmo tempo, individual e coletiva, e dela o homem se utiliza para se constituir como sujeito social, numa relação que se estabelece pelo fio condutor da interação social, em que o Outro se impõe *persona* imanente. Vê-se, assim, a linguagem essencialmente como “interação verbal” em que as relações se efetivam a partir de situações dialógicas e sociais dos sujeitos. A palavra, nesse sentido, funciona como um fio condutor entre os anseios individuais e coletivos, estabelecendo entre os sujeitos uma teia comunicativa



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

que se efetiva por meio das interações e se adéqua aos diferentes contextos sociais, na medida em que os *corpus* orais e/ou escritos são arquitetados.

Considerando o exposto, a escola precisa refletir acerca de seu papel e sua função social, reorientando as práticas pedagógicas arraigadas ao ensino estruturalista da língua. É preciso assumir uma postura que contemple não apenas a modalidade escrita da língua, mas que desenvolva uma prática que disponha de estratégias que possibilitem ao aluno compreender e produzir textos de acordo com a demanda social, comprovando a sua aptidão linguística a partir do reconhecimento da fala como elemento de interação, constituinte de um processo dinâmico, capaz de realizar ações, de agir/atuar sobre/com o outro.

Nessa perspectiva, este trabalho tem o objetivo de analisar o tratamento dado aos gêneros orais pelos livros didáticos de língua portuguesa, adotados numa escola pública municipal de Pombal - PB, atentando para as correntes teóricas que norteiam esse material de apoio ao desenvolvimento das práticas pedagógicas do professor de língua materna. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, uma vez que não nos interessaram apenas os resultados quantitativos, mas as possibilidades de análise e redirecionamentos das práticas pedagógicas vigentes em âmbito escolar. O estudo esteve apoiado em teóricos da linguística contemporânea que se dedicam a investigação do trabalho com os gêneros textuais orais e escritos em sala de aula de língua materna, tais como Marcuschi (2003), Bortoni-Ricardo (2009), Schneuwly & Dolz (2001), dentre outros teóricos que ressaltam a importância do trabalho com a oralidade na aprendizagem escolar, e buscou respaldo também nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, PCN, 1998), os quais apresentam uma atenção voltada para as práticas da oralidade no Ensino Fundamental, e que são pouco exploradas em livros didáticos de língua portuguesa, conforme demonstrou o nosso estudo, apontando para uma perspectiva de formação do professor com foco no manuseio e utilização desse material que ainda se mostra pouco consistente no que diz respeito às propostas de trabalho com os gêneros orais formais na sala de aula de língua portuguesa.



## **Metodologia**

De acordo com Bortoni-Ricardo (2008), a única forma de se enxergar o mundo é considerando suas práticas e significados sociais. Nesse sentido, optou-se por se realizar um estudo de investigação e análise dos livros didáticos de língua portuguesa, adotados pela escola campo de pesquisa, no município de Pombal – PB, verificando-se o espaço dedicado aos gêneros textuais orais, considerando que esses materiais se constituem a principal fonte de pesquisa/trabalho dos professores de língua materna na escola pesquisada. Uma pesquisa qualitativa, fundamentada em aportes da linguística contemporânea, o que possibilitou à pesquisadora perceber quais as concepções de linguagem adotadas para, a partir daí, entender o tratamento dispensado aos diferentes eventos de ação e interação e as modalidades da língua contempladas.

## **Resultados e discussão**

### **I) O lugar da oralidade na escola**

Muito se discute acerca das práticas pedagógicas nas aulas de língua materna. Estudos revelam uma quase impotência do profissional de ensino em atribuir eficácia ao que se propõe o ensino de língua. É consenso, na escola e nos documentos oficiais, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que as ações propostas precisam desenvolver no aluno competências linguísticas que o tornem um sujeito socialmente capaz de atuar frente aos eventos diversos de sua cotidianidade. Entretanto, não é difícil perceber a ênfase dada ao trabalho com a escrita em detrimento da oralidade, desprezando o fato de que

A língua, seja na sua modalidade falada ou escrita, reflete, em boa medida, a organização da sociedade. Isso porque a própria língua mantém complexas relações com as representações e as formações sociais. Não se trata de um



espelhamento, mas de uma funcionalidade em geral mais visível na fala (MARCUSCHI, 2005, p. 35).

Neste sentido, pode-se dizer que o trabalho com os gêneros orais se apresentam como um importante elemento com fins interativos: gera significados e possibilita saberes entre os sujeitos de um mesmo contexto social e/ou de diferentes esferas comunicativas/interativas.

Diante do exposto, consideramos pertinente investigar as propostas presentes nos livros didáticos de Língua Portuguesa (LDP), no que diz respeito ao tratamento dessa modalidade, considerando a relevância desse suporte profissional no espaço escolar e no planejamento das situações didático-pedagógicas pelo professor.

### **i.i) O espaço dos gêneros orais nos livros didáticos de língua portuguesa**

Consideramos em nosso estudo a importância de a oralidade ser enfatizada na escola, uma vez que os documentos oficiais (BRASIL, PCN, 1998, p.25), que regulamentam o ensino de língua portuguesa no ensino fundamental, afirmam que “cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento de apresentações públicas”. Diante disso, buscamos verificar se os livros didáticos distribuídos pelo Ministério da Educação (MEC), material mais acessível a alunos e professores das escolas públicas, contemplam situações que possibilitem o desenvolvimento da linguagem em sua modalidade oral, considerando que “Há uma estreita relação entre o que e como ensinar: determinados objetivos só podem ser conquistados se os conteúdos tiverem tratamento didático específico” (BRASIL, PCN, 1998, p. 65).

Ainda de acordo com o documento:

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. Ensinar língua oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas (exposição, relatório de experiência, entrevista, debate etc.) e, também, os gêneros da vida pública no sentido

mais amplo do termo (debate, teatro, palestra, entrevista etc.) (BRASIL, PCN, 1998, p. 67-8).

Sobre esse aspecto, pode-se afirmar que essa concepção possibilita o desenvolvimento de ações capazes de dirimir as dicotomias apresentadas por Marcuschi & Dionísio (2007, p. 27), “dicotomias perigosas”, tão fortemente marcadas na escola que acabam por restringir o uso do oral ao campo do improvisado e informalidade.

**Quadro 1:** Dicotomias provenientes da relação fala x escrita.

FALA	ESCRITA
CONTEXTUALIZADA	DESCONTEXTUALIZADA
IMPLÍCITA	EXPLÍCITA
CONCRETA	ABSTRATA
REDUNDANTE	CONDENSADA
NÃO-PLANEJADA	PLANEJADA
IMPRECISA	PRECISA
FRAGMENTÁRIA	INTEGRADA

**Fonte:** Marcuschi & Dionísio (2007, p. 27)

Para a oralidade ser tratada como objeto de ensino é necessário pensar criticamente sobre essas dicotomias, repensando as propostas apresentadas no Livro Didático (LD) e levadas à sala de aula pelo professor, muitas vezes, sem nenhum questionamento quanto aos aspectos conceituais e metodológicos adotados.

Nesse sentido, é importante compreender, inicialmente, a concepção de língua/linguagem adotada pelo livro didático de língua portuguesa (LDP), embora, conforme Marcuschi (2005, p.22), poucos deixam definido o conceito defendido, mas a estrutura apresentada e a ênfase ao código escrito permite entrever que a língua é vista como “(a) um conjunto de regras gramaticais, (b) um instrumento de comunicação e (c) um meio de transmissão de informação”.

Desse modo, para melhor compreender o tratamento didático atribuído aos gêneros orais, analisamos quatro coleções de livros didáticos de Língua Portuguesa, destinadas aos anos finais do Ensino Fundamental (6º, 7º, 8º e 9º Anos), todas aprovadas no PNLD (2008 e 2014) sob a coordenação e pareceres de autores de destaque na Linguística Contemporânea.

**Quadro 2:** Coleções analisadas – do 6º ao 9º Ano.

COLEÇÕES	EDITORA	AUTORES
Jornadas. port	Saraiva	Dileta Delmanto Laiz B. de Carvalho
Português: linguagens	Saraiva	William Roberto Cereja Thereza Cochar Magalhães
Perspectiva: língua portuguesa	Editora do Brasil	Norma Discini Lucia Teixeira
Projeto Araribá: português	Moderna	Editora Moderna

**Fonte:** Elaborado pela pesquisadora

A análise foi feita considerando a didatização do gênero oral em cada uma das coleções, buscando mapear que dimensões do ensino são prioridades no material didático ao alcance de alunos e professores da escola campo de pesquisa. Nesse sentido, foi possível estabelecer uma análise comparativa entre as coleções.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Das quatro coleções analisadas, uma foi o livro didático adotado para todas as escolas municipais de ensino fundamental da cidade de Pombal – PB: Jornadas.port, da editora Saraiva. As demais coleções fazem parte do acervo da escola, armazenado na sala dos professores, local onde é realizado o Planejamento Semanal das atividades pedagógicas, a disposição do professor para eventuais consultas.

As coleções apresentam, basicamente, a mesma estrutura: dividem-se em capítulos e unidades que versam sobre diversos temas que possibilitam ao aluno “ler, escrever, falar e refletir criticamente” (Manual do Professor, página 5). As situações de uso da oralidade estão sempre alinhadas à concepção de oralização do texto escrito, uma vez que partem sempre de um texto que é indicado para leitura e discussão (oral) para, em seguida, proceder-se às situações de análise escrita.

O quadro que segue apresenta um panorama da recorrência dos eventos de oralidade nas coleções analisadas:

**Quadro 3:** Propostas de trabalho com a oralidade por coleção.

COLEÇÕES	QUANTITATIVO DE PROPOSTAS COM ORALIDADE
JORNADAS. PORT (EDITORA SARAIVA)	6º ANO: Duas propostas 7º Ano: Seis propostas. 8º Ano: Quatro propostas. 9º Ano: Apenas uma proposta. OBS: Em nenhuma das propostas os gêneros são didatizados.
PORTUGUÊS: LINGUAGENS (EDITORA SARAIVA)	6º ANO: Três propostas. 7º Ano: Três propostas. 8º Ano: Uma proposta. 9º Ano: Apenas uma proposta. OBS: Em nenhuma das propostas os gêneros são didatizados.
PERSPECTIVA: LÍNGUA PORTUGUESA (EDITORA DO BRASIL)	Nenhuma proposta específica. A oralidade é entendida como a leitura em voz alta e/ou breve discussão para iniciar o “trabalho” com o texto.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

PROJETO ARARIBÁ: PORTUGUÊS(EDITORA MODERNA)	Nenhuma proposta específica. A oralidade é entendida como a leitura em voz alta e/ou breve discussão para iniciar o “trabalho” com o texto.
---	---

**Fonte:** Elaborado pela pesquisadora

Nas obras investigadas, embora no Manual do Professor os autores afirmem que adotam uma perspectiva de linguagem “que rompe com as correntes que tratam a língua como fenômeno separado do universo social e histórico” (DELMANTO & CARVALHO, 2012, p. 4); “perspectiva de língua como instrumento de comunicação, ação e interação social” (CEREJA & MAGALHÃES, 2012, p. 4), percebe-se que a ênfase é atribuída ao conceito de língua como mero instrumento de comunicação, uma vez que grande parte dos eventos de linguagem são fundamentados em estruturas que relegam os estudos a estruturas prontas, com exercícios que pouco ou em nada contribuem para o desenvolvimento da competência comunicativa dos sujeitos envolvidos no processo.

De acordo com Marcuschi (2005, p. 22), “as línguas não são apenas um código para comunicação, mas, fundamentalmente, uma atividade interativa (dialógica) de natureza sócio-cognitiva e histórica”. Nesse sentido, os LDP em análise pouco abordam a oralidade e quando o fazem reservam a esta o lugar do erro ou mero espaço de “discussão” de um texto cujo fim é uma produção escrita.

São frequentes as propostas que contemplam o desenvolvimento da leitura oralizada, uma vez que se percebe a recorrência da leitura em voz alta ou da discussão coletiva dos textos propostos, no entanto, não há uma preocupação em ensinar o gênero oral, sua arquitetura textual e funcionalidade, imagina-se, apenas, que a prática escolar de ler em voz alta contemple o tratamento da modalidade oral. Vê-se, assim, que as situações didáticas dirigidas pelo LDP para com os gêneros orais não atendem ao mesmo tratamento que se aplica para a modalidade escrita: “Acreditando que a aprendizagem da língua oral, por se dar no espaço doméstico, não é tarefa da escola” (BRASIL, PCN, 1998, p. 24).

As situações analisadas, apesar de tratar de casos específicos em que a oralidade é enfatizada, não existe uma preocupação em didatizar o gênero, fazendo com que os sujeitos se



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

apropriem da estrutura e passem a utilizá-lo de modo eficaz, considerando que são inúmeras as situações fora do ambiente escolar em que necessitam dominar as especificidades dos gêneros utilizados em instâncias mais formais e isso só se dará de forma satisfatória se a escola tomar para si a incumbência de promover essa abordagem (BRASIL, PCN, 1998). Sobre esse aspecto, Antunes (2007, p. 51) afirma que “Não se pode esperar que o falante descubra sozinho um conjunto tão complexo e tão heterogêneo de regras e normas, que, ainda por cima, admitem toda a flexibilidade permitida pela natureza eminentemente funcional da língua”.

Enfatizamos, por essa razão, que as situações didáticas precisam contemplar o ensino da modalidade oral da língua e que é tão presente no cotidiano dos sujeitos. A escola não deve relegar a ela o lugar do imprevisto e de estratégias incompatíveis com a lógica do processo de ensino e aprendizagem, considerando que “a questão não é apenas qual informação deve ser oferecida, mas, principalmente, que tipo de tratamento deve ser dado à informação que se oferece” (BRASIL, PCN, 1998, p. 65).

Excepcionalmente, a coleção *Português: linguagens* (v. 6, p. 244) traz uma proposta de trabalho com o gênero oral *Exposição oral* e, embora de modo pouco aprofundado, sinaliza para o aluno que sua atuação nesse evento de interação não poderá ser feita a partir do imprevisto, mas requer uma postura mais elaborada na produção do gênero.

Entretanto, enfatizamos que a presença no livro didático de atividades que contemplam o trabalho com o oral não representa, efetivamente, uma garantia de que essa modalidade passe a ocupar um espaço significativo nas práticas de sala de aula, uma vez que o fazer pedagógico está intimamente relacionado às concepções de linguagem adotadas pelo professor.

Dessa forma, modificar as práticas vigentes, possibilitando aos sujeitos aprendizes o acesso às diferentes modalidades da língua, representa um ato político, considerando que, de acordo com Bittencourt (2008, p. 72), “o maior projeto da educação na sociedade contemporânea é se descolonizar; é se enxergar a partir do próprio olhar”. E isso representa, no tratamento com o livro didático de língua portuguesa e nas atividades com os gêneros orais, propostas que buscam atentar para os movimentos apontados pelo texto, percebendo a



necessidade de se pensar esse material em sua conformidade com a dinamicidade da língua, nos usos e contextos situados.

## **Conclusão**

As discussões propostas neste trabalho sobre a utilização de práticas pedagógicas nas aulas de língua materna, com ênfase no trabalho com os gêneros textuais orais, representam a importância de se (re)pensar os mecanismos de que dispomos para efetivar, sob a égide da ciência, do olhar investigativo, essas práticas nas aulas de língua materna.

Nesta perspectiva, ressalta-se que o fortalecimento dessa política pedagógica depende de uma mudança no nível de formação do professor, em que as estratégias didáticas possibilitem uma relação dialógica entre os sujeitos sociais, a partir do redimensionamento de práticas que deem primazia a uma efetiva participação do aluno como agente do processo de aprendizagem. Nesse sentido, o tratamento com o livro didático de língua portuguesa, que embora não dê primazia às atividades com os gêneros orais, pode funcionar como uma importante ferramenta capaz de viabilizar essa prática socioescolar. Ou seja, a pesquisa aponta para a necessidade de se (re)pensar esse material em conformidade com a dinamicidade da língua nos usos e contextos situados.

## **Referências**

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. SP: Parábola Editorial, 2003.

BITTENCOURT, Circe. **Livro didático e saber escolar**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2008.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília, MEC/SEF, 1998.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MARCUSCHI, Luiz; DIONÍSIO, Ângela Paiva (Org.) **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

\_\_\_\_\_. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco falada. *In*: DIONÍSIO, A. P.; *et al* (org.). **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.